

UMA CARACTERIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES METAFÓRICAS RELACIONADAS COM ALGUNS VERBOS NO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E CULTURAL TIMORENSE

A CHARACTERIZATION OF METAPHORICAL EXPRESSIONS RELATED TO SOME VERBS IN THE TIMORESE SOCIO-HISTORIC AND CULTURAL CONTEXT

Marcelina de Carvalho
Universidade Nacional Timor Lorosa'e

Benvinda L. da Rosa Oliveira
Universidade Nacional Timor Lorosa'e

Nota sobre o Autor

Declaro não ter conflito de interesses por ter realizado o estudo. Este estudo foi financiado pelos recursos do autor.

Por favor, encaminhe qualquer dúvida sobre este artigo para Marcelina de Carvalho, correio eletrônico:

Submetido: 23 outubro 2023

Aceito: 5 abril 2024

Publicado: 19 abril 2024

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho científico é identificar e caracterizar as expressões metafóricas relacionadas com alguns verbos no contexto sócio-histórico e cultural timorense nas duas línguas em confronto, tétum e português. Para o efeito, foram selecionados dez verbos do tétum, (*dada, fó, halo, han, kaer, ko'alia, la'ó, mate, moris e taka*) retirados do *Disionáriu Espresaun Populár Dalen Tetun nian* de autoria de B. Oliveira e dez verbos de português equivalentes aos do tétum, (puxar, dar, fazer, pegar, falar, andar, morrer, viver e fechar ou tapar) que foram retirados do Dicionário de Expressões Populares Portugueses de autoria de Guilherme Augusto Simões. Através desses verbos que foram selecionados em ambas as línguas em cotejo, que serviram como base para a análise de dados, o estudo mostra que há mais fenómenos de divergência das expressões metafóricas nas duas línguas em estudo, tétum e português. O resultado dessa pesquisa demonstrou também que o fenómeno de extensão metafórica é muito vulgar nas duas línguas em confronto. Algumas expressões metafóricas são idênticas nas duas

línguas em estudo. Além disso, verificou-se que os fatores sociais e culturais podem determinar os valores metafóricos de uma mesma expressão. Através dessa pesquisa, também se verificou que algumas expressões não se podem traduzir de uma língua para outra, pois não há nenhuma equivalência na língua da chegada. A competência metafórica envolve nosso conhecimento prévio sobre a língua, bem como o nosso conhecimento sobre o conceito do significado literal. As expressões metafóricas refletem, deste modo, as estruturas conceituais construídas com base nas experiências, no conhecimento do mundo e da sociedade que nos rodeia e da própria cultura.

Palavras-chave: Expressões metafóricas; verbos; socio-histórico e cultural.

ABSTRACT

The main objective of this scientific work is to identify and characterize the metaphorical expressions related to some verbs in the Timorese socio-historical and cultural context in the two languages in confrontation, Tetum and Portuguese. For this purpose, ten Tetum verbs were selected (dada, fó, halo, han, kaer, ko'alia, la'o, mate, moris and taka) taken from the *Disionáriu Espresaun Populár Dalen Tetun nian* written by B. Oliveira and ten Portuguese verbs equivalent to those of Tetum, (pular, give, do, catch, speak, walk, die, live and close or cover) which were taken from the *Dictionary of Portuguese Popular Expressions* authored by Guilherme Augusto Simões. Through these verbs that were selected in both languages in comparison, which served as a basis for data analysis, the study shows that there are more phenomena of divergence of metaphorical expressions in the two languages under study, Tetum and Portuguese. The result of this research also demonstrated that the phenomenon of metaphorical extension is very common in the two languages in comparison. Some metaphorical expressions are identical in the two languages under study. Furthermore, it was found that social and cultural factors can determine the metaphorical values of the same expression. Through this research, it was also found that some expressions cannot be translated from one language to another, as there is no equivalence in the target language. Metaphorical competence involves our prior knowledge of language, as well as our knowledge of the concept of literal meaning. Metaphorical expressions thus reflect conceptual structures built based on experiences, knowledge of the world and society around us and culture itself.

Keywords: Metaphorical expression; verbs; socio-historical and cultural.

REZUMU

Objetivu mahuluk hosi traballu sientífiku ida-ne'e hodi identifika no karakteriza espresaun metafórika sira ne'ebé iha relasaun ho verbu balu iha kontestu sósiu-istóriku no kulturál Timor nian, entre dalen rua, Tétun no Portugés. Ba finalidade ida-ne'e, selesiona tiha verbu tetun nian hamutuk sanulu (dada, fó, halo, han, kaer, ko'alia, la'o, mate, moris no taka) ne;ebé foti hosi *Disionáriu Espresaun Populár Dalen Tétun nian*, autoria B. Oliveira no verbu sira hosi dalen portugés ekivalente ho verbu sira tetun nian, foti hosi *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*, autoria Guilherme Augusto Simões. Lihosi verbu sira ne'ebé mak selesiona tiha ona, iha dalen rua ne'ebe tanesan bá, no sai nu'udar baze ba análise dados nian, hatudu katak iha liu fenomenu diverjénsia nian entre dalen rua ne'e, Tetun no Portugés. Rezultadu peskiza ida-ne'e hatudu mós katak fenomenu estensaun metafórika, sai vulgár iha dalen rua ne'ebé ita estuda dadaun bá. Espresaun metafórika balu hanesan iha dalen rua ne'e. Ita verifika katak fatór sosiál no kulturál bele determina mós valór metafóriku espresaun ida nian. Lihosi peskiza ida-ne'e, verifika mós katak espresaun barak maka la bele tradúz hosi dalen ida ba dalen seluk, tanba laiha ekivalénsia ida, iha dalen ne'ebé ita tanesan bá. Kompeténsia metafórika envolve ita-nian koñesimentu kona-ba língua no mós koñesimentu kona-ba signifikadu literál. Hosi ida-ne'e, hatudu katak, linguajen ida haleno estrutura sira konseptuál ne'ebé harii ho baze iha esperiénsia, koñesimentu mundu ne'ebé mak hadulas ita no hosi kultura rasik.

Lia-fuan xave: Espresaun sira metafórika; verbu; sósiu-istóriku no kulturál.

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que as classes gramaticais tanto em tétum como em português são dez, nomeadamente, a classe verbal, nominal, adjetival, pronominal, adverbial, preposicional, conjuncional, determinante, quantificador e interjeição. No entanto, queremos destacar que no presente trabalho pretende-se focar sobre a classe verbal, mais especificamente sobre o valor metafórico de determinados verbos do tétum que são mais usados no contexto cultural timorense. Nessa perspetiva, apresentamos o tema da presente pesquisa que recai sobre: “Caraterização das Expressões Metafóricas Relacionadas com Alguns Verbos no Contexto Sócio-Histórico e Cultural Timorense”, e tem por objetivo contrastar o tema em estudo nas duas línguas cooficiais do país, tétum e português. Relativamente aos verbos do tétum que se pretende analisar, foram extraídos do *Disionáriu Espresaun Populár Dalen Tetun nian* de autoria B. Oliveira, como fonte principal da nossa investigação. E para contrastar com os de português, recorreremos ao Dicionário de Expressões Populares Portugueses de autoria de Augusto Simões.

Sabemos que a língua portuguesa é uma língua de origem românica, contudo o tétum é uma língua de origem austronésia. Embora sejam duas línguas de origens diferentes, o estado timorense decidiu, constitucionalmente, atribuir a ambas o mesmo estatuto.

A diferença de origem do tétum e do português, foi uma das razões, que nos motivou para a elaboração deste presente trabalho contrastivo. Para tal, seguimos como roteiro, as seguintes questões de pesquisa:

1. Será que os verbos: *dada, fó, halo, han, kaer, ko'alia, la'o, mate, moris, taka* podem transmitir valores metafóricos?
2. Quais os valores metafóricos que podem ser transmitidos por esses verbos?
3. Em que situações que estes verbos podem adquirir os valores metafóricos?
4. Será que os verbos selecionados, possuem a mesma produtividade metafórica nas duas línguas em confronto?
5. Será que o valor metafórico de uma mesma expressão, é idêntico em outras culturas?

Pretende-se nessa pesquisa, descrever e analisar alguns verbos do tétum que possuem os valores metafóricos. Além disso, intensificar os nossos conhecimentos acerca dos valores metafóricos dos verbos do tétum, ao mesmo tempo desenvolver e promover os estudos linguísticos da referida língua. A partir dos objetivos gerais foram delineados os seguintes objetivos específicos:

1. Dar a conhecer a todos, sobre o conceito dos valores metafóricos dos verbos em análise.
2. Identificar e analisar os valores metafóricos dos verbos selecionados.
3. Identificar em que situações podem estes verbos ter os valores metafóricos.
4. Contrastar os referidos verbos do tétum com os de português.

5. Verificar as semelhanças e diferenças dos valores metafóricos que ocorrem nos referidos verbos nas duas línguas em confronto.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo abordamos as teorias mais relevantes relacionadas com o tema em estudo.

2.1. Conceito de Língua

Para Saussure, F. (1995, p. 15), a língua é “um produto social da faculdade de linguagem” pode ser também “um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

Sim-sim (1998, p. 30) destaca que é através da língua que manifestamos a nossa “identidade, cooperamos, trocamos experiências, representamos simbolicamente o real, transferimos a informação de e para outros tempos e lugares”. Salienta ainda que a língua é “um meio de conhecer, de organizar e até de controlar a realidade; por seu intermédio formatamos experiências, pensamentos e emoções, acedemos ao poder, exercemo-lo e partilhamo-lo, ao mesmo tempo que reclamamos direitos”.

Ainda no mesmo conceito, Vilela (2002, p. 17) afirma que “a língua não é apenas o conhecimento de um conjunto específico de palavras e de estruturas, mas também e ainda o conhecimento que nos permite transformar estes termos e estruturas num instrumento que existe primordialmente para o homem actuar sobre o homem e sobre a realidade social.”

2.2. Morfologia

Para Gomes e Cavacas (2006, p. 23) a morfologia constitui-se como área da linguística que:

- a) estuda as classes gramaticais, isto é, os grupos de unidades linguísticas que apresentam propriedades comuns e idêntico sistema de flexão: número, género, pessoa, grau, tempo, modo, voz, aspeto, etc.
- b) Estuda os diversos modos de formação de palavras.

Em relação a isso, Rodrigues, A. (2016, p. 37) afirma que “por constituição interna das palavras entende-se a sua estruturação em morfemas cuja combinação serve:

- i. Mudar a forma da mesma palavra de acordo com alterações a nível do significado e da função gramaticais, assim acontecendo quando há variação flexional de uma mesma palavra, sem alterar a identidade da mesma palavra.
- ii. Construir palavras. Assim acontece quando derivamos a palavra *avaliação* de *avaliar*. Neste caso ocorre mudança não só na forma no significado gramatical, mas também no significado lexical. Esta alteração leva a que *avaliar* e *avaliação* não sejam duas formas da mesma palavra, mas duas palavras distintas.

Ainda no mesmo conceito, Gomes e Cavacas (2006, p. 30) citando José Pedro afirmam que:

o que caracteriza qualquer idioma, o que lhe dá personalidade não é o vocabulário nem a fonética, como não é a sintaxe, mas sim a estrutura morfológica, os processos de formar femininos, superlativos, plurais, de conjugações, a composição, a derivação, etc. Aquilo a que têm de se submeter os estrangeirismos entrados em cada idioma.

2.2.1. Conceito de verbo

O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* apresenta as seguintes definições acerca do verbo: “é a palavra suscetível de apresentar marcas morfológicas de pessoa, número, tempo, voz, aspeto e que constitui, sozinha ou combinada com outros constituintes, o predicado da frase; O verbo é o núcleo do sintagma verbal”.

Gomes e Cavacas (2006, p. 216, 217) afirmam que o “verbo são palavras que dão sentido às frases”. Salientam ainda que os verbos são “os motores das frases: eles representam ações, qualidades, factos, mas logo os localizam no tempo e no espaço, muitas vezes no movimento. Os verbos têm a função obrigatória de predicado. E se a função é outra, essas palavras não serão verbos”. Por exemplo: *O jantar* já está pronto; *O saber* não ocupa lugar.

Para Moreira e Pimenta (2016, p. 113), o verbo é “a palavra com função predicativa, que pertence a uma classe aberta e exprime situações dinâmicas e estados. Flexiona em tempo e modo, pessoa e número, e constitui o núcleo do grupo verbal”.

Essas propriedades do verbo do português não se identificam nos verbos do tétum, pois nessa língua os verbos são inflexionais. Apesar de os verbos nas duas línguas em cotejo se apresentarem diferentes propriedades morfológicas, no entanto concluímos que os verbos são elementos fundamentais de uma frase.

2.2.2. Processos irregulares de formação de palavras

A formação de palavras, na visão de Rodrigues, (2013, p. 86) deve ser entendida:

(i) como o domínio de geração dinâmica e em linha, na mente de cada falante, de palavras já existentes na língua. (...). O falante recorre, assim, aos mecanismos disponíveis na sua língua e através deles gera o lexema.

(ii) como o domínio de geração de novos lexemas ainda não existentes na língua. (...) o falante serve-se dos parâmetros e dos materiais linguísticos da sincronia da sua língua para gerar novas palavras. Nesta situação, encontram-se, por exemplo, antibiotizar ou troikizar (atuar em conformidade com a troika, denominação do conjunto de três

negociadores, representantes do Banco Central Europeu, da Comissão Europeia e do Fundo Monetário Internacional, na negociação das dívidas da Irlanda, de Portugal e da Grécia).

E a autora salienta ainda que a formação de palavras recobre diferentes processos, que agem paradigmaticamente, que permitem formar um lexema com base noutra lexema, sejam a afixação, a conversão, a composição, a amálgama ou cruzamento vocabular, palavras híbridas, empréstimos, estrangeirismos e a truncação.

No presente estudo, apenas focamos num tipo do processo irregular de formação de palavras, *i.e.*, no que diz respeito à metáfora ou a extensão semântica.

2.5.a). Metáfora

Na visão de Lakoff & Johnson (1979, p. 45) metáfora “é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restritiva à linguagem, uma questão mais de palavras do que pensamento e ação.”

No nosso ponto de vista, a metáfora diz respeito a linguagem ou expressão que consiste por recurso estilístico, ou seja, os recursos estilísticos são elementos fundamentais na construção da linguagem metafórica. E muitas vezes sem que estejamos conscientes, utilizamos na nossa comunicação diária inúmeras expressões metafóricas.

Lakoff e Johnson (1979, p. 47, 48) manifestam que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Em relevância com a teoria apresentada acima, a pesquisadora entende que a metáfora é uma expressão de forma implícita, ou seja, de forma indireta. Na ótica de Sardinha (2007, p. 24), a metáfora “é uma comparação entre dois domínios diferentes”. E conforme Aristóteles (1996, p. 51) a metáfora “é a transferência de um nome alheio do género para a espécie, da espécie para o género, de uma espécie para a outra ou por via de analogia.”

Na ótica de Vilela (2002, p. 72), a metáfora “não é apenas nem sobretudo um produto de imaginação poética ou ornato teórico, assim como não é um simples uso extraordinário da língua ou algo apenas ligado a palavras, mas sim algo que é típico da língua e da sua construção”. O autor salienta ainda que “a metáfora foi sempre (ou quase sempre) vista como enriquecedora da linguagem, na medida em que a disponibilizava para configurar a realidade de modo diferente e mais matizado”. Segundo o mesmo autor (2002, p. 14) as metáforas são os meios indicados para compreendermos os domínios abstratos e assim ampliarmos os nossos conhecimentos muito para além do que os nossos sentidos são capazes de atingir. Acrescenta ainda que o “tratamento da metáfora será idêntico para o essencial, com a diferença de que é preciso partir não das relações de contiguidade, mas de relações de similaridade.”

2.5.b) Cultura

A cultura é o conjunto de costumes, valores, práticas, e crenças que são adquiridos e transmitidos socialmente, de geração em geração.

Segundo Claude Lévi-Strauss (1958) citado por Santos A. (2002, p. 42)

a linguagem pode ser encarada, nas relações com a cultura, segundo três aspectos. Todos eles são fundamentados na observação e levantam problemas particulares, para além de constituírem o ponto de partida de concepções explicativas sobre as relações entre a linguagem e a cultura: 1) a linguagem corresponde a um dos *aspectos* da cultura. É o plano mais empírico da questão pela mesma razão as suas implicações metodológicas são as mais importantes; 2) a linguagem é igualmente uma *produção* cultural, na medida em que reflete, pela natureza e projeção dos seus sistemas simbólicos, certas características de uma cultura; 3) finalmente, a linguagem corresponde a uma *condição* da cultura. É um facto observado que a linguagem assume, totalmente ou em parte, a permanência de certos aspectos da cultura. Num plano teórico, ela própria é uma cultura se a considerarmos um sistema de comunicação privilegiado que fornece a chave de acesso aos particulares de comunicação como aos diversos aspectos da cultura.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Para atingir os objetivos planeados, foi utilizado nessa pesquisa, o método descritivo e explicativo. O método descritivo, na visão de Silva & Menezes, (2005, p. 20), “visa descrever as características de determinada população ou de um fenómeno”. Pretende-se com isso, descrever e explicar os fenómenos linguísticos relacionados com a “metáfora” presentes nos verbos selecionados.

Do ponto de vista de abordagem, este trabalho enquadra-se também na pesquisa qualitativa. Silva & Menezes, (2005, p. 20), consideram que uma pesquisa é qualitativa quando existe uma relação “dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Este tipo de abordagem “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas”. Os mesmos salientam que nesse método, “a interpretação dos fenómenos e a atribuição de significados são básicas no processo da pesquisa qualitativa. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave”.

Além disso, foi empregue também o método comparativo, para perceber melhor em que circunstâncias, os referidos verbos, do português e do tétum possuem os mesmos valores metafóricos e em que situações os mesmos se divergem.

Antes de prosseguir com a análise, queremos destacar que o presente artigo, é uma das partes da nossa Monografia de Licenciatura em Ensino da Língua portuguesa que foi defendida no dia 17 de outubro de 2022.

4. ANÁLISE DE DADOS

Antes de darmos início à análise pretendida, relembremos das célebres palavras de Azeredo (2018, p. 237), que é relevante com o tema do nosso trabalho “(...) conhecer uma língua é necessariamente, saber servir-se dela, compreendê-la e vivenciá-la como expressão da vida em sociedade, com sua diversidade, sua complexidade, suas convenções, seus ritos, suas crenças, seus valores. (...)”.

Como já foi explicitado anteriormente, elaboramos dez tabelas que dizem respeito sobre a extensão metafórica ou semântica dos verbos do tétum (*dada*, *fó*, *halo*, *han*, *kaer*, *ko'alia*, *la'o*, *mate*, *moris* e *taka*) e outras dez tabelas, referem-se aos verbos do português que têm equivalências com os referidos verbos do tétum. Nesse âmbito, selecionamos os verbos: puxar, dar, fazer, comer, pegar, falar, andar, morrer, viver, e fechar ou cobrir.

Antes de darmos início a análise do verbo “*dada*”, queremos frisar que o dicionário que nos serviu como fonte principal, apresenta o verbo “*dada*” no total de 22 verbetes ou entradas.

Passemos a analisar o primeiro exemplo.

4.1. Verbo “*dada*” significa “puxar” em português

- *Katuas ne'e lori ai-moruk/maninga hodi dada feto-oan sira.* (tradução literal: velho este levar remédio para puxar meninas).

Esta metáfora, “*dada*”, tanto pode ser usada para referir a um velho/a ou um/a jovem, ou a um homem ou a uma mulher. Podemos substituir a expressão “*katuas*” (velho) por: *labarik-feto*, (meninas) *labarik-mane*, (menino) *ferik*, (velha) ou pelo próprio nome da pessoa. É muito popular essa expressão, quando se verifica que a classe social é desigual entre os pares, ou que a idade dos pares ultrapassa uma idade que não é normal entre um casal. Por exemplo, um homem de 60 anos (que não tem por onde cair morto) que se casa com uma jovem de 17 anos, é muito vulgar atribuir essa expressão. Mas se o homem for rico, é a jovem que é atribuída essa metáfora, quando ela não possui um estatuto social ou se não tiver uma beleza que pode atrair um homem, a pobre da menina vai ter que ouvir essa expressão.

O verbo “*dada*” nesse contexto, ganha o valor metafórico de “atrair ou gostar”. Verificamos que as construções linguísticas referentes à metáfora que ilustram as características do ser humano, que estão ligadas ao verbo “*dada*”, podem ser usadas para caracterizar ambos os sexos de diferentes idades. Nesses contextos, o verbo remete a um sentido pejorativo.

4.2. Verbo “*fó*” significa “dar” em português

Analisemos a frase seguinte:

- “*Bainhira ita haree ema monu ba susar, ita tenke fó-liman*” - (tradução literal: “quando nós ver pessoa cair para difícil nós ter que **dar-mão**”).

A expressão “*fó-liman*”, tem a mesma correspondência em português “dar mão”. Em ambas as línguas, a referida expressão significa “ajudar, auxiliar e proteger”.

De seguida vamos analisar o mesmo verbo “**fó**” em outro contexto:

- *Labarik ne’e fó-ulun duni hodi eskola*, (tradução literal: “criança esta **dar-cabeça** mesmo para estudar”).

Esta metáfora corresponde em português “dar à cabeça”, mas em ambas as línguas têm o sentido metafórico diferente. Verificamos que a expressão “*fo-ulun*”, traduzindo literalmente “dar-cabeça” possui o valor metafórico positivo, que significa “seguir ordem” ou “obedecer a um algo positivo”. Vamos ver outro exemplo:

- *Labarik ne’e fó-ulun duni ba servisu*”(tradução literal: (criança esta **dar-cabeça** mesmo para trabalhar).

Fó-ulun nesse contexto, significa que a pessoa ou jovem tem um desejo ou um querer muito forte em fazer qualquer coisa, como trabalhar ou estudar, portanto, em tétum, essa expressão tem um sentido positivo. Verificamos que a expressão “**dar à cabeça**” em português tem outro valor metafórico que remete para uma “pessoa que é doidivasas” ou “que tem cabeça leve”. Por isso, queremos destacar que o valor metafórico de uma expressão pode ocorrer diferentemente em cada cultura. Como afirma Sardinha citada por Thurow (2014, p. 27) “na medida em que elas são culturais, refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um determinado grupo de pessoas em uma cultura.”

Concluimos que o sentido metafórico que o verbo “*fó*” nos apresenta, pode estar relacionado com as qualidades ou características do ser humano, como: “*fó-liman*” e “*fó-ulun*”, com a cultura, como por exemplo: “*fó-liman karuk*” (traduzindo literalmente: “dar canhoto” que significa “amaldiçoar”), com a política, por exemplo; “*fó-hariis*” (traduzindo literalmente “dar-banho”) que significa matar. Essa expressão foi muito usada no período da invasão indonésia.

Passemos de seguida para o terceiro verbo.

4.3. Verbo “*halo*” significa “fazer” em português

Vejamos o seguinte enunciado:

- “*Giordano ohin halo-ahi, tanba hetan primeiru lugar*” (tradução literal: “Giordano hoje fazer-fogo, porque ter primeiro lugar”.)

Nesse contexto a expressão “*halo-ahi*” caracteriza-se como “sucesso”. Em outros contextos, a mesma expressão pode ter um outro valor metafórico. Vejamos a seguinte frase:

- “*ema ne’e katuas tiha ona mós sei “halo-ahi”* (tradução literal: “pessoa esta velho já mas ainda fazer-fogo.”)

Nesse contexto, a expressão “*halo-ahi*”, remete para o valor metafórico de “conservar a energia” ou “manter os seus atrativos”. Podemos associar a expressão “*halo-ahi*” ligado a valores positivos, com o valor metafórico de “brilhar” ou “manter a energia”. Verificamos que uma mesma expressão pode agregar diferentes valores metafóricos.

Analisemos ainda uma outra frase em que ocorre o verbo “*halo*”.

- “*Lalika halo jeitu, ema hatene tiha ona!*” (tradução literal: “não precisa **fazer jeito**, pessoa já saber).

A expressão “*halo jeitu*” tem o mesmo sentido metafórico da expressão do português “**fazer teatro**”. Ambas as expressões significam “exagerar para despertar a atenção dos presentes”, mas, verificamos ainda que a expressão “fazer jeito” em português pode ter outro valor metafórico de “ser útil ou conveniente”, por exemplo: “fazia-me muito jeito esse livro”.

Concluimos que o sentido metafórico que o verbo “*halo*” nos apresenta, pode estar relacionado com as qualidades ou características do ser humano, como: “*halo ahi*”, “*halo jeitu*”, com a cultura, como por exemplo: “*halo- tuir*”, significa “fazer seguir” com o valor metafórico de “obedecer”, isto é, seguir alguns princípios ou tradições.

4.4. Verbo “*han*” significa “comer” em português.

Vejamos o seguinte enunciado:

- “*Karteira ida-ne’e han ho sapatu ida-ne’ebá*”, traduzindo literalmente “carteira esta comer com sapato aquele”.

Essa expressão “*han*” possui o valor metafórico de “condizer”, *i. é*, que está de acordo ou se harmoniza. Vamos analisar outra frase, com a mesma expressão, mas num contexto diferente:

- *Nia mós **han** hotu, agora fase liman*, traduzindo literalmente “ele/a também comer, agora lavar mão”.

Nesse contexto, o verbo “*han*” ou “comer” tem outro valor metafórico que significa “envolver” ou “fazer parte”. Portanto, na primeira frase o verbo “*han*” tem valor positivo e na segunda tem valor negativo.

O verbo em análise, “**han**” (comer), tanto em português como em tétum podem possuir os mesmos valores metafóricos, como por exemplo: roubar, apanhar pancada, destruir, fixar exageradamente o olhar, manifestando desejo ou agressividade, como demonstram os seguintes exemplos:

1. Roubar: “*imi mak **han** hotu tiha ferik ho katuas nia osan, agora lakohi haree fali sira*”
pesquisadora (Tradução literal: Vocês que comer tudo velha e velho ele dinheiro, agora não quer ver.)
2. Apanhar pancada: “*labarik! orsida ó **han** fali ona ha’u mak ne’e!*”
pesquisadora. (Tradução literal: Criança! Logo, tu comer outra vez já eu que esse!)
3. Destruir: “*nehek-mean mak **han** hotu ai-sira armáriu nian*”
pesquisadora (Tradução literal: Formiga-vermelha que comer toda madeira armário.)
4. Fixar exageradamente: “*nia fihir ha’u hanesan atu **han** tiha de’it!*”
pesquisadora (Tradução literal: Ela/e ver eu como para comer já.)

Analisemos em seguida a expressão “*han malu*” no seguinte contexto:

- “*Sira **han malu** kleur ona*” (tradução literal: “eles **comer** um outro já muito tempo”).

Verificamos que a expressão “*han malu*” é usada para referir as pessoas que “estão sempre a ralar-se umas com outras” ou que estão sempre “em guerra”. Essa metáfora, “Discussão é **Guerra**”, está quase presente em todas as culturas, como afirmam Lakoff e Johnson (1979, p. 46-47), “é importante perceber que não somente *falamos* sobre discussão em termos de guerra. Podemos realmente ganhar ou perder uma discussão.” Posteriormente os mesmos afirmam que essa metáfora, pode ser apresentada “numa grande variedade de expressões”, como por exemplo:

- ❖ Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação;
- ❖ Suas críticas foram direito ao alvo;
- ❖ Ele derrubou todos os meus argumentos.

Passemos para outra expressão:

- “*Servisu atu sai di’ak sei han tempu*” (tradução literal: “serviço para sair bem ainda **comer-tempo**).

Verificamos que nesse contexto, a expressão “*han tempu*” remete para o valor metafórico de “levar tempo”. Analisando essa metáfora, “*servisu (...) han tempu*”, estamos a atribuir uma característica humana ao “*servisu*”. O verbo “comer” é próprio dos seres vivos (animados) mas não de um ser inanimado. Nesse contexto, estamos perante a uma metáfora conceptual ontológica, que segundo Lakoff e Johnson citados por Espíndola (2005, p. 21) esclarecem que dentre dessas metáforas ontológicas se destaca a personificação “cuja característica principal é a de conceber experiências (eventos, atividades, emoções, ideias, processos, etc.) como pessoa”.

Concluimos que o sentido metafórico que o verbo “*han*” nos apresenta, pode estar relacionado com as qualidades, características ou atividades humanas como: “*han fera sanan*”, que significa “comilão”, *halo jeitu*, ou atribuir características humanas a seres inanimados.

4.5. Verbo **kaer** (pegar)

Antes de analisarmos o verbo “*kaer*”, gostaríamos de apresentar um comentário feito por Azeredo, (2018, p. 467) que achamos pertinentes, ligado com as frases em análise. Diz o autor que, por vezes “constroem-se valores semânticos positivos, negativos ou neutros para as palavras ou expressões e eles se cristalizam junto à palavra, de modo que seguem com constância, não dependendo do contexto para se realizar”.

Vejamos a seguinte frase:

- “*bairru ida-ne’e nia mak kaer!*” (tradução literal: “bairro esse ele que **pegar!**”).

Esta expressão pode referir a um rapaz ou a um homem que tem poder ou que é conhecido num determinado lugar. Pode ser também atribuído para um grupo, uma organização, etc. apenas alterando a construção sintática da frase: “*bairru ida-ne’e sira mak kaer!*” “*sira mak kaer bairru ida ne’e!*”. Verificamos que uma mesma expressão pode ter mais de que dois sentidos metafóricos. Por exemplo, usando a mesma expressão “*kaer*” no seguinte enunciado: “*nia bele kaer ema moras*” (tradução literal: “ele poder **pegar** pessoa doente”.) Nesse contexto, o verbo “*kaer*” tem outro valor metafórico, que significa ele/a é um/a curandeiro/a, isto é, a referida pessoa possui o poder mágico ou o “dom” de curar certas doenças. Esta expressão é muito vulgar na sociedade timorense. Enquanto a frase: “*ema ne’e kaer ai-kulit aaf*”, (tradução literal: “pessoa essa pegar casca má”.) nesse contexto, o verbo “*kaer*” remete para o valor metafórico negativo: Essa expressão é muito utilizada na sociedade timorense, para designar que uma pessoa é “feiticeira” ou “*buan*” em tétum. Neste contexto, a pessoa referida ou o sujeito da frase pratica bruxarias, artes mágicas ou feitiços. Verificamos que nas duas últimas frases, nomeadamente, a primeira: “*nia bele kaer ema moras*” e a segunda: *ema ne’e kaer ai-kulit aaf*, os

sujeitos (da frase) têm poderes mágicos, mas esses poderes se distinguem uns dos outros. Como diz Cruz (2010, p. 35) a metáfora “depende do contexto, também envolve questões culturais”, é o que se verifica nos dois enunciados acima expostos.

4.6. Verbo *ko’alia* (falar)

Analisemos em seguida as expressões metafóricas que estão agregadas em torno do verbo “*ko’alia*” ou “falar” em português.

Vejamos o seguinte exemplo:

- “*ema ne’e ko’alia iha kotuk de’it, la barani ko’alia iha oin* (tradução literal: “pessoa essa **falar atrás somente**, não coragem falar em frente”).

Verificamos que a expressão “*ko’alia iha kotuk*” tem a mesma correspondência em português “falar atrás das costas”, tanto em português como em tétum, tem o mesmo valor metafórico de “maldizer na ausência da pessoa visada”.

De seguida passemos para outra frase que consta o mesmo verbo:

- “*ó la komprende ka? Hanesan fali ha’u ko’alia-xina*” (tradução literal: “tu não compreender? Como eu **falar-xina!**”).

Essa expressão, encontramos também em português, “falar chinês”, mas em ambas as línguas remetem para valores metafóricos diferentes. “*ko’alia-xina*” em tétum, quer dizer que a pessoa que está envolvida na conversa, não está a compreender o que o seu locutor está dizendo, ou aquilo que o locutor está falando é difícil de ser compreendida. Enquanto, em português, tem o valor metafórico de “falar de modo pouco perceptível; falar sem sentido”.

4.7. Verbo “*la’o*” (andar)

Vejamos o seguinte enunciado:

- “*ita haree konstrusaun ne’e la’o, tanba ema sira servisu, mesak isin-moris de’it*” (tradução literal: “nós ver construção essa **andar**, porque pessoas serviço, sozinho corpo-viver”).

Verificamos que o verbo “*la’o*” neste contexto tem o sentido metafórico de “haver mudanças” ou modo de proceder; forma de fazer ou de desenvolver alguma coisa ou forma como alguma coisa evolui. Nesse contexto estamos perante a uma metáfora conceptual ontológica. Para Thurow (2014, p. 36): metáforas ontológicas são “capazes de concretizar algo abstrato em termos de entidade, (...)”. Posteriormente o mesmo afirma que quando um objeto físico é especificado como uma pessoa, “percebe-se com maior obviedade a metáfora, ou seja, quando as entidades não humanas são apresentadas a partir de termos envolvendo motivação, características e atividades humanas torna-se mais fácil entendê-las.”

Vamos focar noutra frase em que o mesmo verbo é usado com outro valor metafórico.

- “*Ema ne’e keta la’o hela iha fulan karik! Hodi ohin kedas mak ita ko’alia ba, nia bilán hela!*” (tradução literal: Pessoa essa **estar andar na lua** se calhar! desde hoje nós falar, ele tonto).

Verificamos que a expressão “*la’o hela iha fulan*” tem a mesma correspondência em português “andar na lua”, tanto em português como em tétum, tem o mesmo valor metafórico de “abstraido; confundido; alheado do que se passa”.

O sentido metafórico que o verbo “*la’o*” nos apresenta, pode estar relacionado com as qualidades ou características do ser humano, com a cultura, com o divertimento entre outros.

4.8. Verbo “*mate*” (morrer)

Em seguida passemos a analisar o verbo “*mate*” que significa “morrer”.

Vejamos a seguinte frase:

- “*ikan lata ne’e, laron rua tan mate ona, lalika han*” (tradução literal: “peixe lata essa, dias dois **morrer** já, não se poder comer”).

Neste contexto, o verbo “*mate*” tem o valor metafórico de “terminar o prazo”. Vejamos a mesma expressão, mas noutra contexto: “*karreta mate hela iha fatin, book bá-mai la kohi moris*” (tradução literal: “carro **morrer** em lugar, mexe ir-vir mas **não** quer viver.”) Verificamos que essa expressão é muito vulgar na sociedade timorense para designar que o carro se avariou. Nesse contexto, essa expressão vale também para designar: o telemóvel, o rádio, a mota, etc. Verificamos que a expressão “*mate*” nas duas frases acima analisadas, remetem para a metáfora conceptual ontológica.

Passemos para a seguinte frase:

- “*João hakarak mate an loos feto-oan ne’e!*” (tradução literal: “João querer **morrer-se** certa menina-filha essa!”)

Na frase acima exemplificada, a expressão “*mate an*” tem a mesma correspondência da expressão portuguesa “morrer de amor”. Em ambas as línguas significa estar muito apaixonado ou gostar muito; ter uma sensação forte ou sentir intensamente. Queremos destacar que esse mesmo valor metafórico, cobre também o exemplo a seguir apresentado:

- “*Nia haree buatamak ne’e nia atu mate-hamriik de’it!*” (tradução literal: “ela ver esse rapaz, ela **morrer-levantar** só!”)

No contexto acima referido, a expressão “*mate-hamriik*” equivale também “morrer de amor” como a de português. Como podemos verificar, expressões diferentes podem adquirir o mesmo valor metafórico.

4.9. Verbo “**moris**” (viver)

Vejamos a seguinte frase:

- “*Uma ne’e moris, iha espíritu mak halo hela movimentu*” (tradução literal: “casa esta **viver**, tem espírito que fazer movimento”).

Esta metáfora é usada para dizer que “há espírito” ou “*rai-na’in*¹” que está a vaguear em algum lugar. Vejamos a mesma expressão, mas noutra contexto: “*karreta moris fali ona*” (tradução literal: “carro **viver** outra vez”) ou “*karreta la kohi moris*”, (tradução literal: “carro não querer **viver**”), nesse contexto o verbo “*moris*” “*viver*” significa “funcionar” ou andar. Novamente estamos perante a uma metáfora ontológica, pois estamos a atribuir as características humanas ao “carro”, um ser inanimado.

Seguidamente passemos a analisar a expressão “*moris hanesan busa ho laho*”. Vejamos o exemplo:

- “*Sira na’in-rua moris hanesan busa ho laho*” (tradução literal: “eles dois **viver como gato com rato**”).

Essa expressão, encontramos também em português “viver como cão e o gato”, verificamos que essas duas expressões, nas duas línguas em estudo, têm o mesmo significado: “viver em estado de briga constante”.

¹ *Rai-nain*: dono da terra

Concluimos que o sentido metafórico que o verbo “*moris*” nos apresenta, pode estar relacionado com as qualidades ou características do ser humano, como: “*moris-di’ak*” (*viver bem*), ou “*moris hanesan busa ho laho*”. Com a cultura, como por exemplo: “*uma ne’e moris*”. Na medida em que elas são culturais, refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um determinado grupo de pessoas em uma cultura.

4.10. Verbo “*taka*” (fechar)

De seguida analisemos o verbo “*taka*” que corresponde em português “fechar”.

Vejamos a seguinte frase:

- “*Nia taka-matan mak halo servisu ida-ne’e, mak buat hotu sai sabraut*” (tradução literal: “ela **fechar-olhos** que fazer trabalho esse, que coisa toda sair desorganizada”).

A expressão “*taka-matan*” neste contexto é utilizada metaforicamente para referir as pessoas que fazem alguma coisa sem dar atenção ao alvo. Essa expressão pode ter o valor metafórico de “não estar atento” e corresponde uma expressão muito vulgar na cultura timorense: “*halo servisu ulun-ain*”.

Vejamos a mesma expressão que ocorre em outra situação de uso: “*ami bá mós la toman, nia tiun taka-matan tiha ona*, (tradução literal: “nós ir mas não apanhar, ele tio **fechar-olhos** já”), verificamos que nesse contexto, a expressão referida tem a mesma correspondência em português “fechar-olhos” que significa “morrer”.

Passemos à última expressão:

- “*Sira taka-lia ba sira nian inan*” (tradução literal: “elas **fechar-palavra** para suas mães”),
A expressão “*taka-lia*”, no exemplo acima apresentado, tem o sentido de “conspiração”, *i.e.*, combinação entre duas ou várias pessoas para não dizerem a verdade.

Concluimos que o sentido metafórico que o verbo “*taka*” nos apresenta, pode estar relacionado com as qualidades ou características do ser humano, como: “*taka-matan*” e “*taka-lia*”.

Damos por terminado esse capítulo, e servindo-se das palavras de Rodrigues, (2013, p. 87), queremos destacar que neste breve estudo, foi possível verificar, que a criação de novas palavras “pode também advir da necessidade de expressão de atitudes, juízos de valor em relação aos seres e aos objetos.”

5. CONCLUSÃO

Não existem duas pessoas que utilizem a língua exatamente da mesma maneira

Martinet

Como base no pensamento desse grande autor, damos início às conclusões dessa pesquisa científica.

O presente trabalho tem como objetivos o de identificar e analisar as expressões metafóricas dos verbos do tétum, nomeadamente, o verbo (*dada* (puxar), *fó* (dar), *halo* (fazer), *han* (comer), *kaer* (pegar), *ko'alia* (falar), *la'o* (andar), *mate* (morrer), *moris* (viver/nascer), e *taka* (fechar/cobrir) e depois confrontá-los com os de português.

Com base nesse estudo, foi possível identificar que o fenómeno de expressão metafórica é muito vulgar nas duas línguas em estudo. Resumindo, apresentamos as seguintes conclusões:

- a) Identificou-se que algumas expressões metafóricas são idênticas nas duas línguas em estudo. Exemplos: *fó-liman* (dar mão), *han tiha liafuan balu* (comer as palavras), *kaer-metin liafuan* (pegar na palavra), *ko'alia ba parede* (falar com as paredes), *la'o hela iha fulan* (andar na lua), *moris dame* (viver em boa paz), etc.
- b) Identificou-se que uma mesma palavra pode agregar diferentes valores metafóricos dentro da própria língua ou cultura. Como por exemplo as expressões “*kaer, mate, taka-matan*”, que foi analisada na presente pesquisa.
- c) Verificou-se também que uma mesma palavra pode não ter o mesmo valor metafórico em outra língua ou cultura. Como muito bem afirma Jorge, G., (2014, p. 137), “uma palavra não cobre, obrigatoriamente, a mesma realidade semântica em duas línguas diferentes.” Exemplos: *dada-lia* (puxar conversa), *fó-ulun* (dar à cabeça), *halo jeitu* (fazer jeito), *ko'alia xina* (falar chinês) e *la'o-monu* (andar a cair).
- d) Verifica-se também que diferentes expressões podem adquirir o mesmo valor metafórico. Exemplos: *dada-lakon = dada-hotu*; *mate-an = mate hamriik*; *han fera sanan = han bo'ot*.
- e) Também se verificou que algumas expressões não se traduzem de uma língua para outra, funcionam como uma combinação fixa, “cristalizada”, com significado próprio que não pode ser depreendido a partir do significado das partes que a constituem.

Tendo em conta a dimensão do *corpus* linguístico recolhido e analisado, afirmamos que a expressão metafórica é muito produtiva em ambas as línguas em estudo. Verificou-se que há mais fenómenos de divergências das expressões metafóricas nas duas línguas em confronto. Além disso, através desse

trabalho científico, adquirimos experiência, que para fazer um estudo contrastivo entre duas línguas, não é fácil, primeiramente, precisamos de ler e fazer pesquisas, retirar os conceitos nos livros do português, tentar analisar e depois confrontar com os do tétum, visto que nessa língua ainda não há muitas investigações sobre o tema em estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aristóteles, Aristóteles (1996). *Vida e Obra*. São Paulo: Nova Cultural
- Azeredo, Olga, Pinto, Isabel & Freitas, Isabel & Lopes, Carmo (2010). *Gramática Prática de Português*, Lisboa, Editora S.A.
- Azeredo C. José. (2018). *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. Publifolha Editora Ltda. São Paulo, Brasil.
- Dicionário da Língua Portuguesa contemporânea*. (2001). Academia das Ciências de Lisboa e Editora Verbo, (vol. I & vol. II)
- Espíndola, L. (2005). A Metáfora Conceptual Ontológica na Publicidade *in Revista do Gelne*. Volume 7. Editora Universitária da UFPB.
- Gomes, Aldónio & Cavacas, Fernanda. (2006). *A Língua não É Traíçoeira- Morfologia*. Lisboa, Clássica Editora.
- Guimarães, Hélio de Seixas; Lessa & Ana Cecília. (1988). *Figura de Linguagem: teoria e prática*. 2. ed. São Paul: atual.
- Jailson, José. (2012). *Metaforismo Linguístico. A Metáfora na Construção Linguística*. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo-artigo-6776/artigo_sobre_metaforismo_linguistico_a_met%C3%A1fora_na_constru%C3%A7%C3%A3o_linguistica>. Acesso em 30 de março de 2022.
- Jorge, G. (2014). *Da Criatividade Linguística à Tradução. Uma Abordagem das Unidades Polilexicais em Mia Couto*. Tese de Doutoramento em Linguística Aplicada. Universidade de Lisboa
- Lakoff, G. & Jonshon, M. (1979) *Metáforas da vida cotidiana*. Mercado de Letras. Madrid
- Lakoff, George; Johnson, Mark. (1980) *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press.
- Moreira, V. & Pimenta, H. (2016). *Gramática de Português*. Porto Editora.
- Oliveira, B. (2021). *Disionáriu Espressaun Popular dalen tetun nian*. Editora Livro & Companhia. Díli.
- Rodrigues, A. (2013). Noções Basilares sobre a Morfologia e o Léxico. *In Rio-Torto et al. Gramática Derivacional do Português*. Universidade de Coimbra.
- Santos, A. (2002) *Antropologia Geral. Etnografia, Etnologia, Antropologia Social*. Universidade Aberta-Portugal.
- Saussure, F. (1995). *Curso de linguística Geral*. Org.: Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1970.
- Sardinha, Tony Berber (2007). *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editora.
- Silva, L. S. e Menezes E. M. (2005). *Metodologia de Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. Florianópolis. UFSC- Brasil.

SIMÕES, Augusto. (2000). *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*. Publicações D. Quixote. Portugal.

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Universidade Aberta. Lisboa.

Thurrow, Ana. (2014) *Corpo é Uma Máquina Social”: metáforas conceptuais no discurso de universitário*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas.

Vilela, M. (2002). *Metáforas do Nosso Tempo*. Almedina. Coimbra.

Direitos Autorais © 2024 Marcelina de Carvalho e Benvinda L. da Rosa Oliveira



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material – para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumo da licença](#) [Texto completo da licença](#)